

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO III — N.º 141 — Domingo, 19 de Fevereiro de 1956

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

TIPOGRAFIA SOCORRO

FÁBRICA DE CARIMBOS
PREMIADA COM O DIPLOMA DE MÉRITO
AS OFICINAS GRÁFICAS PREFERIDAS
PELAS PRINCIPAIS FIRMAS DO PAÍS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

PORTUGAL E BRASIL DUAS NAÇÕES IRMÃS

Em todos os momentos históricos de exaltação da vida e de expressão patriótica, Portugal e Brasil como nações consanguíneas e amigas fundem-se em idênticos anseios, vibram em comum entusiasmo.

Ainda há dias Lisboa, e com ela, todo o País, se honrou com a visita do novo Presidente da República do Brasil. O dr. Juscelino Kubitschek de Oliveira bem sentiu e exteriorizou quanto é singular e vivaz, no mundo de hoje, esse inviolável sentimento que une, para lá das distâncias do Mar Atlântico, duas pátrias irmãs, pelo sangue, pela língua, pela mesma história.

Portugal não podia ausentar-se do Rio de Janeiro no dia festivo da solene investidura do novo Presidente do Brasil.

Ali esteve presente com embaixada especial, chefiada por uma das mais representativas figuras da vida política portuguesa: o sr. conselheiro Albino dos Reis, ilustre presidente da Assembleia Nacional.

E logo ao desembarcar na capital brasileira, onde imensa multidão recebeu, apoteoticamente, a distinta delegação oficial, o conselheiro Albino dos Reis abriu o seu coração, numa breve e eloquente mensagem — a mensagem da pátria lusa:

«Saúdo o Brasil, esta terra admirável, que muito tem ajudado os portugueses a progredir, tal como estes têm auxiliado o seu progresso. Saúdo o Presidente Kubitschek de Oliveira, que em Portugal, durante a sua recente visita, pronunciou palavras que nenhum português pode esquecer. Como português, sinto-me orgulhoso desta comunidade luso-brasileira, que, antes de figurar em tratados, já existia no coração dos dois povos.

Formulo os melhores votos pela prosperidade e pelo progresso desta nação, onde os portugueses vivem como em sua própria casa.» Constantemente tem sido alvo de especiais atenções a nossa embaixada especial.

Em entrevista colectiva, solicitada pela Imprensa e Rádio do Brasil, o conselheiro Albino dos Reis produziu afirmações de alto

José Barão

A fim de assistir ao funeral de sua sogra, deslocou-se de Lisboa a esta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso amigo e distinto colaborador sr. José Barão.

O ANTIGO DESPORTISTA JOSÉ BAPTISTA SALLAS

fornece elementos novos para a história do futebol na nossa terra

ACERCA dos dois artigos que publicámos sobre o futebol no Algarve, da autoria do nosso prezado colaborador e antigo jogador de futebol sr. Manuel Pedro dos Santos Andrade, recebemos do nosso conterrâneo e prezado assinante sr. José Baptista Sallas, que foi grande futebolista e que há muitos anos reside em Safi, duas cartas em que se fornecem alguns esclarecimentos ao que publicámos. Baptista Sallas declara ter em seu poder dados exactos acerca do futebol na nossa província e recorrendo a esses dados esclarece pontos que já hoje, tantos anos decorridos, pareciam obscuros. Assim, diz ele que não foi em Vila Real de Santo António que primeiro se praticou o futebol no Algarve. Quando ele aqui apareceu, já existiam o Sporting Clube Farense, Associação Académica de Faro e Sporting Clube Olhanense. Também não foram o inglês Henrique da Estação,

interesse, que importa registar. Falando das relações luso-brasileiras afirmou:

«O Tratado de Amizade e Consulta entre o Brasil e Portugal foi muito importante para a comunidade luso-brasileira; entretanto, é preciso que se criem soluções práticas no sector cultural.»

Observou, a seguir: «Será muito interessante a criação de bolsas de estudo entre os dois países. Considero que devemos fazer um grande intercâmbio de professores, os quais orientam a futura vida dos estudantes de ambos os países.»

Referindo-se ao desejo dos portugueses de emigrarem para o Brasil e salientando que, no entanto, no ano passado, diminuiu bastante a vinda de portugueses para este país, o conselheiro Albino dos Reis declarou:

«A vinda de portugueses para o Brasil é útil para os dois países, pela continuidade da língua.»

Interrogado sobre as causas dessa diminuição, disse:

«A razão principal foi a queda do cruzeiro. O emigrante português tem a ideia de economizar e mandar as suas economias para Portugal. Com a estabilidade ou melhoria do cruzeiro, o assunto, em breve, será sanado.»

Salientou, ainda, que Portugal defende os seus emigrantes com as imposições que faz aos que desejam sair da Pátria. «Não dese-

XENÓCRATES E A CAVERNA DOS LEÕES (QUASE UMA LENDA GREGA)

A AQUILINO RIBEIRO

XENÓCRATES, filósofo da antiga Grécia, vivia rodeado dos seus discípulos, discutindo na

ágora da sua cidade, os problemas do homem do seu tempo. Desprendido dos bens da terra e da fortuna, não conhecia outros senhores que não fossem a própria consciência e os deveres que lhe impunham a razão e o culto da verdade. Por isso o estimavam e respeitavam em todas as cidades, e por isso também o temiam e combatiam.

OS NOSSOS FILHOS

Recebemos os números de Dezembro de 1955 e Janeiro de 1956 de «Os Nossos Filhos», a revista que tanto tem contribuído para despertar entre nós o interesse pelos problemas das crianças.

Todos os pais e educadores conscientes das suas responsabilidades devem conhecer esta publicação, que vem sempre cheia de ensinamentos úteis e se publica em Lisboa, Rua de Infantaria Dezasseis, 69-2.º.

jamós deixar mais sair analfabetos do nosso País. Para isso, o Estado educa o cidadão, para bem dele e da Pátria Portuguesa. O cidadão ilustrado que emigra servirá melhor o país para onde vai e, ao mesmo tempo, a sua Pátria, no estrangeiro.»

A delegação portuguesa foi homenageada, sucessivamente, durante a sua breve estadia no Rio de Janeiro, pelas mais importantes associações portuguesas, como o Liceu Literário Português, a Beneficência Portuguesa, o Clube Ginástico Português e ainda algumas instituições regionais, nomeadamente, a Casa da Vila da Feira.

Em todas, verdadeiros pedaços da terra lusitana, a ilustre embaixada confirmou os puríssimos sentimentos de patriotismo da nossa colónia na grande e gloriosa nação irmã.

Portugal e Brasil, seguros da vitalidade intemporal da aliança que as funde e anima na defesa dos seus mais altos ideais, denunciam ao mundo, com o seu magnífico exemplo, a realidade de uma perfeita associação pacífica de nações, unidas pela História e preparadas, lado a lado, para um confiante porvir.

Nesta hora em que o Brasil entra num novo ciclo da sua história, Portugal deseja que ele seja uma nova fase de progresso e de paz.

MOVIMENTO DA CONSTRUÇÃO NAVAL EM VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Barcos em reparação nos estaleiros desta vila

NESTE período de «defeso», em que a paragem forçada das fainas piscatórias dá lugar à preparação de materiais e embarcações, com vista à nova safra de pesca na primavera próxima, achámos interessante dar uma volta pelos estaleiros de construção naval e aí recolhemos algumas informações úteis, para as transmitirmos aos nossos estimados leitores, elucidando-os quanto a este aspecto importante das actividades marítimas da nossa terra.

Havia outrora, em Vila Real de Santo António, numerosos «carpinteiros de ribeira» — como eram aqui designados — a trabalharem ao ar livre, ao longo de toda a «Baixa-Mar», depois transformada na formosa Avenida da República. Creemos que o seu número atingia a dezena, contando-se, entre eles, excelentes artistas no seu mester, alguns deles com sólida reputação profissional difundida para além do Algarve e até por terras espanholas, donde se recebiam encomendas para a execução de embarcações de vários tipos. Entre os

artífices de mais nomeada, recordamos os consagrados irmãos Carmos (Bóias), irmãos Penas, Albano Salas Barreto, José Pedro Delgado e tantos outros já retirados da rude profissão ou desaparecidos no tempo. Hoje, o número dos estaleiros vilarrealenses encontra-se reduzido a três, cujos mestres e proprietários são os srs. António Pena, José A. Socorro & Cavém e José do Nascimento Gomes.

Em vista do nosso interesse em conhecermos o movimento da construção naval nas suas instalações, os respectivos técnicos forneceram-nos os seguintes dados: O estaleiro de mestre An-

HOMENAGEM ao saudoso dr. João Dias

No intuito de prestar uma justa homenagem ao saudoso benemérito dr. João Francisco Dias, foi nomeada uma Comissão encarregada de angariar fundos para a referida homenagem, que consta da construção, na Vila de Alcoutim, de um busto para perpetuar a memória do grande homem que foi o dr. João Dias.

A Comissão empenhada em levar ao conhecimento de todos os Alcoutinenses ausentes e ainda das centenas de amigos do dr. João Dias, resolveu, por intermédio do «Notícias do Algarve», tornar pública a justa homenagem, pelo que além dos donativos referidos no número anterior, acusa e agradece reconhecidamente a entrada dos seguintes donativos:

Transporte	6.892\$20
António Costa Esteves	100\$00
António Mendes	20\$00
Evaristo Quintino	50\$00
José Joaquim Júnior	25\$00
Felisbela Maria José	50\$00
António Madeira	20\$00
José Gomes Luís	20\$00
Anibal Rosa	20\$00
João Gomes Delgado	150\$00
Justo António	20\$00
Manuel Alfredo Afonso	20\$00
Isabel Centeno	50\$00
Manuel José T. e Lima	100\$00
José Rodrigues	100\$00
José Cavaco	20\$00
Ilida da Assunção Lopes	20\$00
Fernando Vaz Martins	50\$00
José Dias	40\$00
Manuel Gaspar Patrício	3.000\$00
Tomás Amaro Peres	50\$00
João António Matias	20\$00
A transportar	10.837\$20

Qualquer donativo para o fim em vista pode ser enviado para o presidente da Câmara, comandante do posto da G. N. R. ou Provedor da Misericórdia.

Joaquim Moreira Parra

Foi colocado, mediante concurso, no lugar de terceiro-oficial da Secretaria da Câmara Municipal de Faro, o sr. Joaquim Moreira Parra, que exercia funções em Serpa.

O MAR TENEBROSO E O INFANTE D. HENRIQUE

POR SOUSA NUNES

O IMPERFEITÍSSIMO estado em que permaneceu a navegação e as construções navais, durante largo espaço de tempo, depois que os homens deixaram as suas grutas e se espalharam livremente sobre a terra, não permitiu aos povos da antiguidade comunicarem uns com os outros.

O mais forte obstáculo das gentes meridionais e do próximo oriente comunicarem com os Lusitanos foram as colunas de Hércules. Rompidas estas, aí vêm como furacões Fenícios, Cartagineses, Romanos, Gregos, Godos e Árabes perturbar os estudos a que estávamos a proceder, para levarmos a efeito a volta ao imenso colosso de África pelo sul, que ninguém sabia onde chegava.

Quando Sertório fugiu de Roma às perseguições dos partidários de Sula e procurou um refúgio naquele continente, marinheiros lusitanos ofereceram-se para o conduzir às ilhas Afortunadas (Canárias), onde encontraria um abrigo seguro até passar a tormenta que molestava todo o mundo latino.

O valoroso guerreiro agradeceu e declarou preferir um lugar donde pudesse combater com armas iguais os seus terríveis adversários.

Foi então que o tomaram ao serviço da Lusitânia contra aquele grande perigo comum e lhe facilitaram o seu estabelecimento em Évora, de que ele fez sua capital, donde zombou do poder de Roma, durante 7 anos, (80 a 73 a. C.) em que foi assassinado à traição, por Perpenna, seu imediato.

Depois dos Romanos, vieram os bárbaros Godos, que tudo baralharam e das ilhas Afortunadas não ficou mais do que a lembrança do nome, sem se saber onde ficavam.

Os últimos invasores foram os Árabes, porventura mais benévolo, mas que nunca nos deixaram aproximar do mar do sul, senão quando a anarquia nacional permitiu ao Conde de Bolonha deixar o seu exílio em França, entrar em Lisboa e vir por aí abaixo com o seu exército a expulsar o

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

O peixe na Madeira O atum, na ilha da Madeira, tem regulado, para consumo público, entre 6\$00 e 9\$00, o quilo, atingindo o atum voador (o mais apreciado do mundo), 10\$00. A cavala vende-se entre 2\$00 e 4\$00 cada, e o carapau a 5\$00, a dúzia. Aos algarvios, habituados ao di-

reito e ao revés, devemos esclarecer que o atum pesca-se durante todo o ano na nossa ilha da Madeira. É o que tem valido à população de Lisboa, que está a comprá-lo, salgado, a 18\$00 o quilo. E agora um esclarecimento importante: os merceeiros da capital resolveram hostilizar determinada marca de atum do Algarve, em consequência das baixas percentagens que lhes são concedidas pelo fabricante. A campanha começa a tomar aspectos perigosos e será prudente o interessado procurar defender-se.

Interessa-lhe saber? No ano findo, a Holanda, um país de terrível

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)

TOMARAM POSSE OS NOVOS CORPOS GERENTES

DA CASA DO ALGARVE EM LISBOA

Realizou-se, no passado dia 9, na Casa do Algarve, em Lisboa, a cerimónia da posse dos novos corpos gerentes daquele nosso organismo regional, para o biênio 1956-1957, e que ficaram com a seguinte constituição:

Assembleia Geral: presidente, conselheiro João Bernardino de Sousa Carvalho; vice-presidente, dr. José António Madeira; 1.º e 2.º secretários, José Raúl da Graça Mira e dr. A. de Sousa Pontes; 1.º e 2.º vice-secretários, maestro Pavia de Magalhães e Resende Fernando Camacho.

Direcção: presidente, major Matheus Martins Moreno; vice-presidente, dr. Quirino dos Santos Mealha; 1.º e 2.º secretários, Hermenegildo Neves Franco e Herculano de Sousa Leiria; tesoureiro, Bartolomeu Guerreiro; vogais, José Maria da Silva, Joaquim do Sacramento Grade, José Martins Ferreira e Filomeno Hilário.

Conselho Fiscal: António Libânio Correia, Jerónimo Gregório Marcos e Apolinário Macara.

Conselho Superior Regional: Reeleito o do ano findo, de que ficaram presidente, vice-presidente, secretário e vice-secretário, respectivamente; os srs. conselheiro Sousa Carvalho, coronel Carlos Ludgero Antunes Cabrita, José Barão e Joaquim António Nunes.

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Esteve nesta vila, com pouca demora, o sr. Fernando Vargas Marques filho do nosso estimado amigo e assinante sr. José Rodrigues Marques, tendo já retirado para Lisboa, onde reside.

Vindo de Sintra, onde se encontra a prestar o serviço militar no curso de Radar, esteve nesta vila alguns dias, em casa de seus pais, o sr. José Afonso Correia Castanheira.

Tivemos o prazer de cumprimentar nesta vila o nosso estimado amigo e prezado correspondente, sr. Dimas Gaspar Martins, residente em Alcoutim.

Esteve nesta vila, com pouca demora, a sr.ª D. Maria dos Anjos Veríssimo Madeira, gentil filha do nosso prezado assinante sr. José Madeira Ricardo, residente em Alcoutim.

Com sua esposa e filhos, esteve nesta vila o nosso prezado amigo e distinto colaborador sr. capitão António Gonçalves, residente em Setúbal.

Com pouca demora, esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante sr. António Passos de Lima, residente em Mértola.

Casamento

Na Igreja paroquial do Azinhal (Castro Marim), realizou-se, no passado dia 11, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Isabel Peres e do sr. Manuel Peres Tenório, naturais desta vila.

Foram padrinhos da cerimónia, por parte da noiva, o sr. Manuel Hipólito Machado e sua esposa, D. Maria Amália Leiria Machado, e por parte do noivo, o sr. António Peres Tenório e a sr.ª D. Maria dos Ramos Faria Tenório.

Ao novo casal, desejamos as maiores felicidades.

Doente

No hospital da CUF, foi operada pelo cirurgião sr. dr. Mário Conde a menina Rosa Maria Lameirão Ares de Mascarenhas, filha do nosso prezado amigo sr. Jorge Ares de Mascarenhas, industrial em S. Paulo (Brasil). A doente encontra-se, felizmente, em franco restabelecimento.

Visita

do "Ateneo" de Sevilha

Hoje, terá lugar na vizinha cidade fronteiriça de Almonte uma sessão literária promovida pela Direcção do «Ateneo de Sevilha» que se desloca àquela cidade, e cujo tema principal será «Motamid, último Vice-rei do Algarve».

A fim de assistirem, foram convidados diversos intelectuais e poetas algarvios, à frente dos quais figura o professor catedrático sr. dr. Garcia Domingues e o ilustre cónsul de Espanha em Faro, sr. D. Enrique Suárez de Puga y Villegas, que assistirão à reunião.

Seguidamente, os membros do «Ateneo de Sevilha», acompanhados da Representação portuguesa, farão uma rápida visita à Vila Real de Santo António.

ELEMENTOS ESCLARECEDORES PARA A ECONOMIA DO ALGARVE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

tório mais reduzido que Portugal continental, aumentou a sua reputação como o maior exportador de ovos do mundo. Pelas suas fronteiras saíram nada menos de dois mil milhões de ovos de galinha. O consumo interno também subiu de cerca de 50 para 190 ovos por pessoa. É claro que nós não aspiramos a que cada algarvio consumisse o número mínimo de 50 ovos anualmente. A este luxo só se podem dar povos com um nível de vida satisfatório e não algarvios e restantes portugueses cujo nível de vida é talvez dos mais baixos da Europa. Mas não seria de tentar estabelecer na nossa província aviários em molde industrial, sabendo-se que um género tão cobiçado como são os ovos tem sempre mercado assegurado? Aqui fica a interrogação ao critério de algum algarvio com espírito de iniciativa.

A crise em Portimão Do «Diário do Alentejo» transcrevemos a seguinte local:

Continuam as dificuldades económicas, mercê da crise da pesca e da falta de trabalho nas fábricas de conserva de peixe e da carestia dos géneros e falta de muitos artigos de primeira necessidade.

Numa terra, como Portimão, cuja riqueza principal é a pesca, come-se o peixe caríssimo, vendendo-se o carapau a 12500 cada quilo!

A falta de pescado e a paralisação das indústrias reflectem-se naturalmente na situação geral, visto que o comércio não vende, porque o público, sem recursos, não pode comprar!

É uma situação bastante crítica a que Portimão está atravessando, não se vislumbrando qualquer remédio para a debelar ou atenuar.

Esta «paisagem» não a oferece só Portimão mas todas as terras que vivem exclusivamente do mar e onde ainda não se instalaram indústrias que deem que fazer aos inactivos, na época do defeso da pesca.

A África do Sul actua as suas pescarias

O director das pescarias da África do Sul, dr. R. M. Marchand, forneceu alguns apontamentos sobre a nova orientação da Divisão de Pescarias, com o fim de melhorar os trabalhos de investigação na Costa Ocidental, especialmente no que se refere aos cardumes de «sardinha» e chicharro. Foram criados dez novos postos científicos, vão ser construídos três novos barcos de estudo, orçados em 155.000 libras e está quase concluído um novo laboratório, pro-

jectando-se ampliar os que existem em Sea Point.

O dr. Marchand disse que as medidas que vigoram — e que limitam a pesca da «sardinha» e do chicharro a 500.000 toneladas por ano, restringindo também o número de fábricas e de barcos de pesca — são arbitrarias e baseadas em dados científicos quase nulos.

«De momento, não sabemos se a nossa pesca anual de 500.000 toneladas é ou não superior ao que as nossas reservas podem suportar. Presentemente não podemos discernir quaisquer sinais de pesca excessiva; mas isso não prova que estejamos, de facto a praticá-la. O único meio a utilizar para a conservação das espécies consiste num estudo aturado e a longo prazo das respectivas espécies e do meio que as rodeia. O nosso programa de investigação será integrado nos trabalhos levados a cabo pelas autoridades do Sudoeste Africano, e será superiormente dirigido do Cabo. O capital necessário às despesas a ter com este programa eleva-se a 175.000 libras, que serão adiantadas pela Corporação para o Desenvolvimento das Pescarias. Esta verba cobrirá as despesas provenientes da aquisição dos três novos barcos e da construção e aumento dos laboratórios».

Os planos para a construção dos barcos estão prontos. Um destes terá 30 metros de comprimento, sendo provável que a sua construção seja em aço, devendo custar 85.000 libras; os dois restantes serão de madeira, com 22,5 metros, orçando o custo de cada unidade por 35.000 libras. — J. B.

Falecimentos

D. Antónia Lopes
Faleceu na quarta-feira, a sr.ª D. Antónia Lopes, de 74 anos, mãe da sr.ª D. Ana Lopes Baptista Barão, casada com o nosso colaborador e redactor de «O Século», José Barão, irmã do sr. Agostinho Lopes e avó da sr.ª D. Rita Baptista Camarada e dos srs. Manuel Baptista Camarada e António José Baptista Barão, estagiário do corpo redactorial de «O Século».

D. Catalina Ribeiro Barbosa y Barbosa
No dia 11 do corrente, finou-se nesta vila a sr.ª D. Catalina Ribeiro Barbosa y Barbosa, de 94 anos de idade, viúva do sr. António Barbosa Rodrigues, natural desta freguesia onde sempre residiu e gozava de grande estima e consideração gerais.

A saudosa extinta, que pertencia a uma das famílias mais distintas da nossa terra, era senhora muito bondosa e de aprimorada educação, tendo sido dirigente de várias associações religiosas, que se incorporaram no seu funeral, realizado no dia seguinte.

Era mãe das sr.ªs D. Joana Barbosa Guerreiro, casada com o nosso prezado amigo e assinante sr. Alvaro Magno Guerreiro, director técnico de Farmácia, e de D. Francisca Barbosa; sogra da sr.ª D. Maria Belo Barbosa e avó do nosso amigo sr. Dante Barbosa Guerreiro, de D. Maria Bárbara Belo Barbosa e do menino João Antonino Belo Barbosa.

A família enlutada, apresentamos a expressão do nosso profundo pesar.

D. Teresa Alice Ribeiro Alves
Faleceu nesta vila, em 14 do mês corrente, a sr.ª D. Teresa Alice Ribeiro Alves, de 60 anos, viúva do sr. Gavino Peres Tenório, residente nesta vila, donde era natural.

A finada era mãe da sr.ª D. Fernanda Ribeiro Tenório Viegas e cunhada dos srs. Manuel Peres Tenório e António Peres Tenório, a quem apresentamos sentidas condolências.

Estes funerais estiveram a cargo da «Agência Viegas».

D. Isabel Maria Gomes Pereira
Faleceu em Beja, no passado dia 15, a sr.ª D. Isabel Maria Go-

PROVINCIA

OLHÃO

Falecimento
Faleceu, na sua residência em Olhão, o sr. Roque Luís Faria Ponce, chefe da Secretaria Judicial daquela vila, que contava sessenta e cinco anos de idade. Vitimou-o uma congestão cerebral. A infausta notícia, colhida de surpresa, chocou-nos profundamente. Natural, pois, a nossa consternação, tanto mais que nada fazia prever tal desenlace.

O falecido, que era estimado e considerado por todos os olhanenses, como exemplar funcionário público, como pessoa de bem e ainda como figura de grande prestígio no meio desportivo, deixou em Olhão com a sua morte verdadeiro luto. Desapareceu, assim, uma figura que era muito querida.

No campo social, o falecido foi várias vezes indigitado para ocupar a presidência da Câmara Municipal e foi membro da Santa Casa da Misericórdia. No meio desportivo, Roque Luís Faria Ponce foi várias vezes dirigente da Associação de Futebol do Algarve. Era também um verdadeiro amigo do Sporting Clube Olhanense, onde várias vezes foi presidente da Direcção, e não admira, pois, que as portas da sede no clube estivessem fechadas e o estandarte tivesse acompanhado o seu corpo à última morada.

O funeral, que se realizou no dia 14, ou seja um dia após a sua morte, para o Cemitério local, foi acompanhado por centenas de pessoas. No préstito incorporaram-se ainda, numa manifestação de pesar que as excelentes qualidades de carácter de Roque Ponce plenamente justificavam, altas individualidades locais, entre elas os srs. presidente e vice-presidente do Município local, provedor da Santa Casa da Misericórdia e outros altos funcionários de todos os organismos e ainda pelos seus subordinados, representantes dos Grémios, clubes desportivos, etc. —

«Notícias do Algarve» esteve representado pelo seu correspondente, Herculano Valente.

O saudoso extinto era casado com a sr.ª D. Amélia Ponce e sogro do sr. José Arsénio Correia, a quem apresentamos a expressão mais sincera do nosso pesar. — e.

+ Agradecimento

A família de Isabel Maria Ferreira vem, por este meio, agradecer a todas as pessoas que a acompanharam à sua última morada, e bem assim as que lhe manifestaram o seu pesar.

CASAS

Vendem-se duas, na praia de Monte Gordo, com 7 e 8 divisões, quintal e quarto de banho. Frente para o Casino e R. Francisco de Almeida. Dirigir a Manuel Cartarro — Monte Gordo.

mes de Sampaio Pereira, natural de Mértola, viúva do proprietário sr. Alvaro de Sampaio Pereira, também recentemente falecido.

A saudosa extinta era mãe da sr.ª D. Maria Isabel Gomes Pereira Gonçalves Faguiha e sogra do sr. dr. José Gonçalves Faguiha, distinto médico oftalmologista em Beja e presidente da Junta de Província do Baixo Alentejo. Era, também, cunhada do nosso prezado amigo e assinante sr. Manuel Cumbreira, industrial nesta vila, e tia dos nossos estimados amigos srs. dr. José Gomes Cumbreira, industrial, e dr. Manuel Pereira Fernandes Vargas, conservador do registo civil e proprietário, e antigo presidente da Câmara Municipal desta vila.

O funeral realizou-se no dia 14, para o cemitério de Mértola, onde a urna ficou depositada em jazigo de família.

A família enlutada o «Notícias do Algarve» apresenta sinceras condolências.

Artur dos Santos

Faleceu em Portimão, no passado dia 15 do corrente, o sr. Artur dos Santos, de 76 anos, casado com a sr.ª D. Catarina da Encarnação. O falecido era pai das srs.ªs D. Capitulina dos Santos, Leopoldina dos Santos e do sr. José Pedro dos Santos, nosso prezado assinante, nesta vila.

A família enlutada apresentamos sentidas condolências.

TAVIRA

Club de Tavira
Em Assembleia Geral, foram eleitos os novos corpos gerentes para 1956, cujos resultados foram os seguintes:

Assembleia Geral: presidente, dr. Jaime Bento da Silva; 1.º secretário, dr. Oscar Augusto Guerreiro Correia; 2.º secretário, Laurentino de Jesus Baptista.

Direcção: presidente, brigadeiro Eduardo José dos Santos.

Vogais: dr. José Raimundo Ramos Passos, José Filipe Pessoa de Amorim Ribeiro, Eduardo Vilhena Guerreiro e José António dos Santos.

Conselho Fiscal: tenente José Augusto Correia, tenente Manuel Salvador Martins e Manuel Virgínio Pires.

Bombeiros Municipais

A Corporação dos Bombeiros recebeu mais um pronto-socorro, convenientemente equipado com todo o material necessário para atacar um grande incêndio. Com este material, pode socorrer um incêndio, mesmo que a água esteja a 5 quilómetros de distância.

Tal melhoramento deu motivo a uma pequena festa no gabinete do comandante, sr. José Filipe Ribeiro, tendo assistido ao acto a vereação municipal, chefe da Secretaria da Câmara e outros convidados.

Sociedade Orfeónica

Comemora as suas «Bodas de Prata» esta sociedade recreativa. Por tal motivo, resolveu dar uma festa do 25.º aniversário, no passado dia 16. O programa constou do seguinte: às 9,30 h. Sessão Solene, Recitativos e Canções. Às 22,30 h.: Grandioso Baile de Aniversário, abrilhantado pela Orquestra Imperial Jazz, com o seu vocalista José Francisco. Durante o referido baile, foi servido um «Porto de Honra».

Carnaval em Tavira

Passou quase despercebido nesta cidade o Carnaval. Meia dúzia de crianças vestidas com seus trajes, e mais nada. Nos anos anteriores sempre apareciam umas cegadas, e nem isso vimos este ano. Será falta de dinheiro? Falta de disposição? Consequências do frio inclemente que nos tem visitado? Não sabemos dar uma explicação para tal efeito. Nas sociedades recreativas que deram bailes, pouca animação, e no Teatro local, uma ou outra noite correspondeu.

Cada vez mais nos faz lembrar os versos do poeta:

Carnaval da Vida
Tu, mundano Inferno,
Por que marcas prazo
Quando és eterno?

Tuas falas loucas
São sempre iguais,
O ano todo inteiro
São Carnavais... e.

ALCOUTIM

Notícias Pessoais

Esteve nesta vila, durante alguns dias, uma família de pintores dinamarqueses, que há anos frequentam o nosso país, em especial a província algarvia, não esquecendo a pitoresca vila de Alcoutim, onde em lindos quadros tem pintado as suas vistosas paisagens.

A fim de passar as festas do Carnaval junto de suas famílias encontra-se nesta vila o sr. José Gervásio Martinho, irmão do nosso prezado assinante sr. Alfredo dos Santos Colaço, e o sr. José Cavaco Peres, residente em Beja. — e.

+ Agradecimento

A família de José António Chumbito, falecido em Setúbal, na impossibilidade de poder fazê-lo pessoalmente, por insuficiência de endereços, vem por este meio agradecer a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar.

Assine, o «Notícias do Algarve» e contribuirá para o desenvolvimento da Imprensa Algarvia!

AGENDA

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António De 11 a 17 de Fevereiro:

Entrados:
GOLFINHO, rebocador Português e o batelão «Paredo» de 261 ton., de Lisboa, vazio.
COSTEIRO, Português, de 629 ton., de Lisboa, vazio.

Saídos:
ZÉ MANEL, Português, para Lisboa, com minério.
MADEIRENSE, Português, para o Funchal, com sal.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 18 a 24 de Fevereiro, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

Campanha Nacional de Educação de Adultos

A colaboração da Campanha com os Serviços Agrícolas nos meios rurais

Na reunião dos técnicos do Movimento de Intensificação Agrária, há dias realizada, verificando-se que a intervenção directa de técnicos agrícolas nas escolas é impraticável devido à escassez de pessoal, reconheceu-se como valiosa, que poderia vir a ser, a actualização dos professores do Ensino Primário junto das crianças e adultos, na divulgação de ensinamentos, conselhos e esclarecimentos em matéria de agricultura.

Para o efeito, os ilustres subsecretários das pastas da Agricultura e Educação Nacional acordaram entre si pôr em contacto os directores dos distritos escolares e os chefes dos organismos agrícolas regionais a fim de se combinarem processos de trabalho e métodos de acção que conduzam a bons resultados práticos. Um dos maiores obstáculos que até agora se opunha à acção dos técnicos advinha do facto da elevada percentagem de trabalhadores rurais não possuírem o mínimo de conhecimentos que os habilitassem a interpretar indicações numéricas sobre quantidades de produtos a manusear e a utilizar, bem como na aquisição de ensinamentos através da leitura.

Missões culturais

Os Serviços Culturais da Campanha continuam a actuar junto dos Cursos de Educação de Adultos do Distrito, irradiando lições gravadas.

Têm estas lições quer pela inovação no ensino que são, quer pelos elementos culturais que contêm, despertado muito interesse nos alunos e professores que as têm escutado. A 3.ª «Carta Falante» (que ainda não foi irradiada), indo de encontro às directrizes emanadas da recente reunião, contém valiosos ensinamentos sobre viticultura.

Durante o corrente mês serão visitados os concelhos de Faro, Vila Real de Santo António, Alcoutim, Silves, Lagos, Portimão e Olhão.

A. F.

Em FARO, adquira o «Notícias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.

MÁQUINA DE LIMPAR LATAS

(usada), utilizando casca de arroz, aparas ou serradura

Vendem: ILÍDIO PANINHO, LDA. - Setúbal

Vende-se FURGONETA

RENAULT 1951, estado de nova, bem calçada, por motivo de retirada

VER E TRATAR:

AUTO AVENIDA VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

CONFECÇÕES Viresa, Lda

FÁBRICA DE CAMISAS

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

FILTRO PARA AZEITE

(usado), tipo «CAPILLERY»

Vendem: ILÍDIO PANINHO, LDA

SETÚBAL

AINDA HÁ MAIS PARADOXOS...

NESTE circulo mais ou menos agitado da vida, cheia de caprichos e de contradições, podemos friamente conhecer e estudar a psicologia duma grande parte da Humanidade.

Com frequência — para não dizer, a todo o momento — elevam-se até nós e entristecem-nos os dramas conjugais, o desacordo continuo que lavra na maioria dos lares.

Até naquelas casas em que, exteriormente, a felicidade se avoluma, lá dentro no âmago do seu sentir, o par sente na generalidade que algo ainda era necessário para se completarem. E vão mostrando, exibindo uma ventura que intimamente não sentem, mas que é conveniente que os outros acreditem nela.

Com a certeza absoluta no que exponho, é que vou descrever este casal que o amor uniu, tão jovens e com um futuro promissor:

Amaram-se, creio que sinceramente, e casaram. Ela sensível, ele insensível.

Viveram anos juntos, mas ela quanto mais tempo passava mais longe se sentia dele...

Gostos diferentes, sentir oposto, em tudo.

Alguém pensa que se possa dar este fenómeno num casamento de amor? Mas dá-se.

Talvez ambos tivessem bastas vezes intenção de uma comunhão de ideias, mas era radicalmente fora de moldes correntes.

Eles eram tão antagónicos que se tornaram incompreensíveis...

Porque não eram na realidade felizes, se gostavam um do outro?

Porque só isso não chega para que a vida em comum possa ser aquilo que cada um sonha. Não, não é o suficiente, é preciso mais, muito mais.

Essa vida em comum, sonhada e posta em prática, terá de encontrar em cada cônjuge, verdadeira abnegação, que nem sempre existe, que a maior parte das vezes não se dá.

Daf um desconexo, um afastamento condenável na vida dos casais.

Neste par que descrevi, a qualquer pergunta, ainda que simples da esposa, ele, o homem que casou por amor, respondia-lhe com variantes do mesmo teor:

«Deixa-me, não me maces, faz o que quizeres, não me interessa!»

Qual a mulher que se pode considerar feliz assim? E viveram juntos, até que

um dia a separação era inevitável.

E eu, a sorrir, penso que o amor, esse sublime sentimento, não serviu, afinal, de base para uma suave e duradoura paz conjugal...

Fixando todo o meu pensamento neste e noutros casos idênticos, ajuizo que o amor, esse sublime sentimento, não serviu, afinal, de base para uma suave e duradoura paz conjugal...

Há tanto na vida para observar, antever e meditar!

De repente, lembro-me de mais um caso, completamente oposto ao primeiro, impregnado de sentimentos tão diversos do que acabei de descrever.

Também este par era bastante jovem, mas ela, com desmedida ambição, não olhava para um rapaz pela atracção chamada amor.

O sentir dela era ondulante e procurava vida elevada e desafogada.

Deparou-se, na pessoa dum rapaz altamente colocado. Casaram, mas sem verdadeiro amor.

No entanto, foram felizes. Ele, com um sentido superior pela sua esposa e pela sua casa, foi prendendo-a e proporcionando-lhe, ao mesmo tempo, uma vida sem preocupações.

Acompanhava-a sempre em passeios, diversões e viagens. A vida, que os casara sem amor, teve de reconhecer, a breve trecho, que tinham nascido para viverem juntos.

A sua casa, onde eles permaneciam com prazer, era o seu mundo e onde melhor se sentiam.

Com a habitual amabilidade que o caracterizava, perguntou uma noite à sua companheira:

«Diz-me, sinceramente, querida, és feliz?»

E ela respondeu-lhe imediatamente:

«Sim, muito feliz, porque tu és tolerante e bom e hoje te amo acima de tudo e sinceramente!»

Que casos estranhos e que dádiva grandiosa reserva o Senhor para apresentar, por vezes, os mortais!

Tantos problemas que se nos afiguram absurdos, temos de captá-los e compreendê-los.

Tantas histórias, que ficarão para sempre hermeticamente fechadas sem entrarem nos: Eternos Paradoxos da Vida!...

Natércia Algarve

A tiragem e a expansão de «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.



DESPORTO FUTEBOL

CAMPEONATO NACIONAL DA III DIVISÃO (Zona Sul)

Completou-se no passado domingo a 4.ª jornada do Campeonato Nacional da III Divisão, tendo-se verificado na zona D, 8.ª série os seguintes resultados:

Esperança, 2 — Lusitano, 4
Despertar, 1 — S. Domingos, 1
Serpa, 8 — Silves, 0

Em virtude dos resultados verificados no último domingo, o Serpa e o Lusitano, bom vencedor fora, ficaram isolados a um ponto do Despertar, que não foi além do empate em casa frente ao S. Domingos.

Seguem-se os resultados:

Esperança - Lusitano

Jogo realizado no campo «Rosio da Trindade», em Lagos. Arbitro: Francisco Guomar, de Beja.

Constituição das equipas:

Esperança: José Maria; Vidal Brites e Amílcar; Pargana e Serafim; Teodoro, Helder, Bicho, José Rosa e Américo.

Lusitano: Ramos; Toni, Pescada e Viegas; Apolinário e Padescia; Amílcar, Marco, Modesto, Travassos e Ramires.

O Lusitano foi feliz na saída a Lagos, pois conseguiu mais dois preciosos pontos, que muito lhe valerão no futuro. A vitória lusitana aceita-se sem reservas, porquanto o Lusitano foi o melhor grupo, conseguindo alcançar o triunfo, que ia ficando comprometido em virtude da maneira infeliz como o guarda-linha estava a actuar.

Mas, por fim, lograram marcar mais um tento assegurando desta maneira uma vitória que lhe tentava fugir.

A arbitragem agradeu.

Despertar - S. Domingos

O empate que se registava no final do jogo está certo, porque ambas as equipas se empregaram na luta com muita vontade.

Serpa - Silves

Triunfo certo dos rapazes de Serpa, que viram assim as suas aspirações aumentadas, mercê de mais esta vitória frente aos silvesenses.

S. Salas

CLASSIFICAÇÃO ACTUAL

	J	V	E	D	B	P
Serpa	4	3	—	1	13	4
LUSITANO	4	3	—	1	9	4
Despertar	4	2	1	1	5	4
S. Domingos	4	1	1	2	4	12
Esp. Lagos	4	1	—	3	6	9
Silves	4	1	—	3	4	8

EDITAL

João António da Silva Graça Martins, engenheiro-chefe da Quinta Circunscrição Industrial, faz saber que a firma Viuva Vasques Azevedo, Martin Navarro & C.ª, Lda., requereu licença para instalar um descasque de pinhão, incluída na 3.ª classe, com os inconvenientes de barulho, trepidação e poeiras, situado na Rua dr. Silvestre Falcão, freguesia e concelho de Castro Marim, distrito de Faro, confrontando ao norte com o Sapal, ao sul com a referida Rua do nascente com João Pedro Martins e ao poente com Manuel Torrado.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do prazo de 30 dias, a contar da publicação deste edital, podem todas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida e examinar o respectivo processo nesta Circunscrição Industrial, com sede em Faro na Rua do Distrito de Faro, n.º 2-2.º (Edifício da Mutualidade Popular).

Faro, aos 3 de Fevereiro de 1956.

O eng.º-chefe da Circunscrição, João António da S. G. Martins

O «Notícias do Algarve» vende-se em Olhão, na Livraria Capela, Rua do Comércio.

CAMPEONATO NACIONAL DA II DIVISÃO (Zona Sul)

O Campeonato Nacional da II Divisão, Zona Sul, está a decorrer num ambiente de verdadeiro entusiasmo e expectativa. Os farenses, com a derrota sofrida no passado domingo em Elvas, podem-se considerar desde já afastados do 8.º lugar, ao passo que o Olhanense decide hoje em Evora as suas aspirações quanto ao 8.º lugar. A vitória do Portimonense, já esperada, foi arrancada nos últimos minutos, num jogo em que o Arroios merecia melhor sorte...

Heroulano Valente

Cultura Popular

SE o analfabetismo é entre nós um problema angustioso, não é menos certo que acerca dos que sabem ler ainda neste caquilo se apresentam mil e um problemas, muitos deles graves, necessitando de solução urgente.

Saber ler só por saber ler, saber escrever só por não assinar em cruz, é destituir o ensino de toda a grande parte da sua utilidade, é dar-lhe um aspecto de luxo, de inutilidade.

Saber ler é sobretudo um meio de progredir e não um progresso: para que o seja é preciso mais alguma coisa, o alimento do qual aquela faculdade possa tirar proveito. Não sendo assim, todo o trabalho gasto nada produzirá de útil, os conhecimentos e a educação serão os mesmos.

A maioria das crianças saídas das nossas escolas vive no campo; uma vez saídas da escola ficam completamente isoladas de toda a acção intelectual e na generalidade esquecem tudo menos as letras do nome sempre necessárias para assinar isto ou aquilo.

Já pensaram no que lê um camponês?

As edições populares não existem em Portugal — sim, porque não posso considerar seriamente edições populares o «Borda de Água» e o «Menino da mata e o seu cão piloto», os «Sapateiros que trocam a mulher pela vaca», a publicação em fascículos de «Os crimes de Lampeão» ou os versos que os cegos cantam e vendem em folhas. A parte isto são-lhe apenas acessivas os folhetos das missões adventistas e a Bíblia. Nada que contribua para a sua formação técnica, civica ou política, um isolamento total.

Está claro que certos senhores acorrerão a dizer que para semear nabos, cavar batatas e abrir valas não é necessário saber sequer soletrar; ou então que para Vasco da Gama ter descoberto a Índia não foi preciso que os marinheiros tivessem lido «Os Lusíadas». São senhores muito conhecidos pelas suas geniais tiradas que aparentam um desprezo absoluto pelo valor do progresso mas não vão a Lisboa de mala-posta nem têm pergaminhos à luz de archotes: preferem o «Sud» e as lâmpadas de 100 velas.

Se combatemos o analfabetismo não é por vergonha de vermos nas estatísticas internacionais Portugal nos últimos lugares, não é para que um dia tenhamos o orgulho de ver um zero aonde agora se vê uma cifra elevada; é porque aquilo que se trata é cem vezes mais importante. O livro, o jornal, o quadro moral, são os grandes processos da divulgação e são pode-

EM PROL DOS BOMBEIROS

UM IMPORTANTE DONATIVO DO CLUBE DOS 100 À HORA E A DÁDIVA DE UM ANTIGO BOMBEIRO — para auxiliar a construção da sua Sede

O CLUBE dos 100 à Hora enfileira hoje na lista dos subscritores do fundo de auxílio à edificação da Sede dos Bombeiros Voluntários da nossa terra, mercê da valiosa oferta feita à prestigiosa Corporação, e que esta transferiu para a respectiva conta. Gesto simpático, devidamente apreciado e agradecido, vem significar, além do mais, o apreço tido pela colaboração prestada pelos briosos e atentos «soldados do Bem» sempre que por esta vila passa a caravana participante na Volta a Portugal em Automóvel que aquele referido Clube vem promovendo com assinalado êxito.

Igualmente nos foi entregue um donativo que o ex-bombeiro, sr. José Ribeiro, nos envia de Matosinhos, onde há anos reside, numa eloquente demonstração da sua dedicada lembrança pela causa humanitária onde também já prestou a sua colaboração pessoal.

Mais outros donativos que aqui se deixam registados, foram entregues à respectiva Comissão Central.

Bem hajam, pois, todos quantos ofereceram a sua cooperação prática a este movimento de solidariedade comum. A todos, o nosso muito obrigado!

Anotamos as importâncias recebidas:

Transporte	18.833\$80
Oferta do sr. José Ribeiro	20\$00
Donativo de Fernando	1\$00
Donativo do Clube dos 100 à Hora	500\$00
Anónimo	2\$50
Soma	14.857\$80

O ANTIGO DESPORTISTA JOSÉ BAPTISTA SALLAS

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

O grupo que ganhou as onze medalhas na festa da Senhora das Angústias, em Aiamonte, em 1913, não foi o Guadiana F. C. mas sim o União, grupo formado na Associação dos Bombeiros e cujas camisolas eram metade vermelho-escuro e metade preta. Faziam parte da equipa que jogou em Aiamonte os seguintes jogadores: Henrique da Estação, José Pedro Barreto, Adelino Duarte, Eurico Rosa, José Noya, António Rosa, António Lopes, Artur Bento, José Ventura, Joaquim da Cruz e José Rodrigues (o José de Lisboa). Crê Baptista Sallas que ainda haverá alguém na nossa terra que possua uma fotografia tirada a esse grupo e na qual figuram apenas dez

jogadores, pois falta António Rosa. Essa a razão por que seu irmão Eurico aparece com duas medalhas no peito — a sua e a de seu irmão.

As cores das camisolas do Grupo Três Estrelas não eram amarelas e brancas, mas sim amarelas e pretas, às riscas verticais. O primeiro grupo que existiu em Vila Real de Santo António foi o Sport Clube Futebol 5 de Outubro, fundado em 1911, e as suas primeiras camisolas eram azuis escuras tendo no peito, em letras brancas, as palavras: «5 d'Outubro». Só em 1918 é que estrearam as camisolas brancas e pretas, às riscas verticais.

O Guadiana F. C. foi fundado em 13 de Fevereiro de 1913, com treze membros e embora bom grupo de futebol, não tinha a honra de possuir a melhor equipa do Algarve. Essa honra cabia ao Sporting Clube Farense do qual faziam parte os grandes jogadores que foram João Rodrigues (O Cacanã), Guerrilha, Raimundo, Albino, José Nugas, Eduardo, Arcado, José da Avó, Paco Lima e João Gralho, que era a alma desta grande equipa que derrotava todos os grupos que contra ela jogavam no campo de S. Francisco, em Faro, onde era invencível.

Quando o Guadiana lá se deslocava, não tinha o direito, muitas vezes, de se aproximar das suas balizas e nunca regressava com menos de cinco a seis bolas a zero. «Nós — diz Baptista Sallas — habituados à areia da Baixa-mar, no campo de S. Francisco, que era como um bilhar, não víamos bola.»

E com estes preciosos elementos, fica assim esclarecido e completado o que o nosso prezado colaborador, sr. Manuel Pedro dos Santos Andrade escreveu, acerca das origens do futebol na nossa terra.

EXCELSIOR

As melhores tintas para navios de pesca e comércio

TINTAS PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL

Depositário nesta Vila:
MANUEL DA SILVA DOMINGUES
Avenida da República
— Telefone 12 —

remos romper com os processos primitivos como vivemos, por uma larga educação do povo. Para actualizar os métodos do cultivo das terras, para introduzirmos no nosso meio os hábitos de higiene sã, para que haja no nosso país uma consciência nacional, é preciso divulgar, é preciso ensinar. Por isto, se é urgente combater o analfabetismo cumpre depois não deixar que o trabalho gasto se desfça por inacção, fornecer as grandes massas mais de educação.

Devem criar-se bibliotecas rurais, as férias dos nossos estudantes devem ser aproveitadas para missões pedagógicas.

Façamos de Portugal uma imensa escola.

J. N.

Está triste?
A vida corre-lhe mal?
LEXA
«CARA ALEGRE»
Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊS
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

Clínica de Santo António

(CASA DE SAÚDE E REPOUSO)

sob a Direcção Clínica do
Dr. Albano de Lencastre

Rua Guilherme Gomes Fernandes

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Motor Marítimo BOLINDER

3 Cilindros 90 H. P.

Motor Marítimo BOLINDER

2 Cilindros 40 H. P.

VENDEM-SE: Respostas a esta Redacção ao n.º 95

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

DIARRÉIA VERBAL

Onde ideias não há, é baldá supri-las com o derrame de palavras, com uma logorria inextinguível. Tudo para iludir. A essa casta de semianalfabetos tem plena aplicação a famosa expressão de Cujas, a respeito dos Bartolistas—mas só excluída a parte do meio, porque os desgraçados não possuem a probidade de se calar onde ignoram: Verbosi in re facili, in difficili muti, in angusta diffusi. (Sr. tipógrafo olhe que é angusta e não angusta... Tenha cuidado!) A palavra foi dada aos semianalfabetos para disfarçarem a sua vacuidade.

Todos os dias se abrem milhões de bocas—não só para comer, mas também para falar. Mas de entre os milhões e milhões que falam, só alguns, muito poucos, dizem palavras de verdade. Aos demais a palavra foi dada para exprimir a mentira.

CERTOS TALENTOS...

Há homens a quem não podemos negar talento:—o de se esfalfarem a demonstrar, por a+b, que gens sunt et cavalgare sabent... Os desgraçadinhos suam e tres-suam para nos provar que, no cérebro, têm fósforo, mas, pelas frinças, acabamos sempre por verificar que lá dentro há apenas vazios interplanetários, ou, quando muito, seradura, da ordinária...

PEDAGOGIA DE CAR-

REGAR PELA BOCA

Conta-se que certo poeta francês, quando queria desover um cavalo, não o procurava nos lugares onde o pndese encontrar em carne e osso. Não, senhores, isso dar-lhe-ia muito trabalho. Fazia, então, uma coisa mais simples. Punha as mãos no chão, relinchava de ventada dilatada, espino-teava, galopava, trotava, atirava para os ares umas quantas parrelhas de coices, e, sentindo-se com alma equestre, reduzia então a verso a sua descrição zoológica.

O nosso ensino, no capítulo das ciências naturais, ainda tem muito disso. Quando os alunos querem descrever os bichos, não os procuram onde eles realmente existem em carne e osso—mas nos livros, em estampas que flocam tão longe dos bichos autênticos como nós estamos da estrela Sirius.

Até quando se manterá o sistema da intrujice pedagógica, arredada do exame directo da realidade, toda feita de flatus vocis, toda livresca? Até quando viveremos sob o signo do luar empalhado?

CERTOS LIVROS

Há livros que apenas enchem as prateleiras, e livros que nos enchem a alma. Aqueles são a mais; estes nunca são demais, porque são sempre de menos. Encontrá-los uma pessoa é ter orgias de espírito. De faca na mão, abrimo-los com a volúpia de quem devassa um tesouro. Depois deles abertos, não os temos—devoramo-los, servemo-los, abismamo-nos num mundo de que só a custo saímos. Nesse dia, as refeições sabem-nos mal, não dormimos, não estamos para ninguém, somos perença do livro aliciente que nos revela o inefável, que nos abre clareiras para perspectivas nunca vislumbradas, que nos transfigura, que nos apressa o bater do coração.

Essa casta de livros é dos tais que pedem ruminação. Mastigam-se agora, e depois se devem trazer de novo à boca do espírito, para os ressoar com todas as papilas, demoradamente, voluptuosamente, gulosamente.

Orfeão dos C. T. T. em Faro

Após vários êxitos conseguidos não só em Lisboa, onde actuou no I. S. T. e Pavilhão dos Desportos, como ainda em Viseu, desloca-se a Faro, no próximo dia 9 de Março, o Orfeão dos C. T. T., constituído unicamente por funcionários dessa administração com cerca de 50 executantes.

Superiormente dirigido pelo reputado e competente regente sr. Frederico de Aguiar, também funcionário dos C. T. T., o elenco artístico apresentar-se-á não só como Orfeão como ainda em Teatro e fim de festa.

Dada a obra meritória a que a receita se destina e ainda, pelo valor do conjunto, está previsto mais um retumbante êxito na audição em Faro, a qual será realizada no Cinema-Teatro Santo António.

Visado pela Comissão de Censura

SEMANARIO REGIONALISTA

Director

João A. Dias Pena

Editor e Proprietário

Armando R. Cruz

TOTALIZOU 10.334 TONELADAS com o valor de 43.930 contos

O PEIXE DESCARREGADO NO PORTO DESTA VILA, NO ANO DE 1955

ELOQUÊNCIA dos números, conforme se disse num dos nossos últimos números, a propósito de cifras que revelam claramente a importância do nosso porto, dispensa perfeitamente largos arzoados. Por isso, e em complemento dos números que tivemos ensejo de publicar no penúltimo número do «Noticias do Algarve», damos, a seguir, aos nossos leitores, a nota do pescado descarregado, durante o ano findo, no porto de Vila Real de Santo António, o qual totalizou 10.334 toneladas, no valor de 43.930.151\$40, assim discriminado:

8.204 atuns	com 1.224.914 quilos	9.509.633\$80
1.755 aturros	141.546	1.127.425\$20
435 albacoras	10.919	95.842\$80
25 cachorretas	573	4.740\$80
59 bonitos	80	325\$00
	1.377.832	10.737.967\$40
Sardinha	5.625.085	15.427.160\$00
Biqueirão	3.205.479	15.411.150\$00
Carapau	14.580	32.747\$00
Diversos (a)	2.073.007	4.072.692\$00
	8.915.951	32.945.749\$00
Pargo	200	1.410.00
Peixe diverso	58.278	237.205\$00
Polvo	2.201	9.820\$00
	40.679	248.435\$00

Proveniência do pescado:

«Armações» de atum (Costa do Algarve)

Barril ou Três Irmãos	2.267.332\$50
Cabo Santa Maria	1.965.533\$90
Medo das Cascas	1.940.052\$50
Abóbora	1.289.121\$80
Livramento	979.661\$70

(Costa de Marrocos)

Madrague 1.ª, de Port Lyautey	1.457.337\$00
Hauara, de Tânger	842.358\$00

Cercos	2.573.131\$00
Traineiras	30.370.618\$00

Sardinhas, Xávegas, Alcatruzes e outras pequenas «artes»	247.025\$00
--	-------------

(a) Mistura de sardinha, biqueirão e cavala.
(b) Inclusas as «caldeiradas» e «pensões».

O MAR TENEBROSO E O INFANTE D. HENRIQUE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

último invasor, que não consentiu ser nosso amigo, em 1249.

Mas o Conde de Bolonha morreu em 1279 e Portugal entrou imediatamente em decadência, a pontos de em 1382 aqui se encontrarem outra vez os espanhóis que não haviam dado pouco trabalho em vencer em Abiul, em 1247.

Expulsou-os o Mestre de Aviz, derrotando-os em Aljubarrota em 1385, até 1580 que mais portugueses os chamassem de novo, por espaço de sessenta anos, de bem triste memória.

Entre os seis filhos de D. João I, um deles, o Infante D. Henrique, tão patriota e valente como o seu augusto pai, não se esforçou pouco que Portugal mantivesse íntegras as fronteiras que D. Afonso III lhe criara, dentro da Península, mas muito mais vasto o seu território, fora dela, de modo a ficarmos indemnizados dos roubos que nos fizeram outrora, antes de sermos portugueses.

Desde muito menino, D. Henrique mostrou uma singular paixão pelos estudos positivos. As matemáticas encontraram nele um adepto convicto e a astronomia um dos seus mais dedicados cultores.

No domínio das armas, nenhum português do seu século soube esgrimir uma espada com mais destreza e eficácia do que ele, como soube dar provas na tomada de Ceuta.

Foi esta empresa que serviu para fixar o seu desejo de conhecer novos mundos. Ceuta era naquele tempo um valioso empório de comércio entre a Europa, A'sia e África, mas não se impunha tanto no espírito do infante a questão comercial como a ciência.

Com o seu amor ao estudo e à glória da pátria, a sua cavalleirosa bravura, ficava sendo a pessoa indicada para os feitos mais extraordinários da história nacional.

Foi em Ceuta que ele colheu as indicações de que necessitava com mais urgência acerca do interior de África, da extensão e das possibilidades do continente negro.

Desde tempos muito recuados, que tanto os Berberes da Mauritânia como os Arabes da Espanha conservam relações continuadas com os países africanos. Eram os portos de África Setentrional que davam saída às produções da Nigricia, conduzidas ali por sucessivas caravanas. A África Central, aquela mesma de que ainda hoje parece não haver inteiras notícias, era conhecida dos Arabes Espanhóis, e Tombactu, a

cidade misteriosa, não fora ignorada dos civilizados Granadinos.

Voltando de Ceuta, com a sua vitoriosa expedição, em 2 de Setembro de 1515, D. Henrique foi morar para Lagos com os servidores da sua casa, a maioria deles ainda não atingira vinte anos de idade.

Fundando depois a sua vila de Sagres, mais próximo das ondas e com ais mamplos horizontes sobre o mar, estabeleceu-se nela e chamou do estrangeiro um cosmógrafo célebre, de nome Jaime de Maiorca.

Auxiliado por ele, fundou um estaleiro e todos se lançaram ao trabalho de construir navios capazes de sulcarem os mares de antes nunca navegados, tão cheios de perigos fantásticos inventados e espalhados por todo o Atlântico por aqueles mareantes que se reconheciam impotentes de praticar a grandiosa façanha que os ousados lusitanos se propunham levar a efeito.

Este mar imenso foi por muitos séculos o terror do mundo marítimo. Habitados às carícias das águas do mar Jónio, Adriático, do Arquipélago e Tirreno, de todas as ramificações do benigno Mediterrâneo, os antigos desmaiavam de terror todas as vezes que viam-se erguer ao longe as ondas alterosas do soberbo Atlântico e ouviam o eterno rugido dos monstros que saíam da espessura da imensa amplidão aquosa!

Para justificar o terrificante pavor, os marinheiros da idade dos deuses tinham o Oceano por um mar de trevas, a habitação de monstros formidáveis, capazes de tragar de um sorvo uma potente barcaça com os seus tripulantes. Um abismo insondável separava na altura das costas do Saara o mundo terreno do mundo dos mortos, com uma boca capaz de engulir uma esquadra e despejar todo o seu conteúdo nas mansões do Deus «Hadés», donde nunca mais volta o que lá mergulha.

Três anos depois do Infante se haver instalado em Sagres, dois fidalgos dos mais corajosos da sua casa, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, ofereceram-se para seguirem numa expedição às costas africanas, até onde lhes fosse possível navegar.

O Infante mandou-lhes preparar um barco e enviou-os com instruções de irem sempre ao longo da costa, para além do cabo Não, até onde lhe permitissem as vagas. Mas uma furibunda tempestade, não de medo, mas de vento, águas e coriscos arrojou-os para longe da linha que seguiam,

MOVIMENTO DA CONSTRUÇÃO NAVAL

(CONTINUAÇÃO DA 1.ª PAGINA)

Além do «Plano» em serviço, conta o sr. Pena ter pronto, na primavera próxima, outro plano inclinado apto a dar assistência a unidades com mais de 120 toneladas.

As instalações dos srs. Socorro & Cavém são mais antigas, visto que este construtor trabalha por conta própria desde 1932. Começou por construir pequenos barcos, como canoas, buques, etc., e mais tarde lançou 2 traineiras de pesca, o que deve atingir o total de 1.000 toneladas construídas. No princípio do ano corrente, teve início ali uma carreira que comporta 4 traineiras, já quase em vias de lançamento à água. Vêm-se ainda outras embarcações já começadas, o que faz prever boas perspectivas de construção, que se irão reflectir na melhoria das condições de pesca.

O mestre José do Nascimento Gomes, depois de ter trabalhado como construtor naval no estrangeiro, durante largos anos, veio instalar-se em Vila Real de Santo António em 1945, tendo no seu activo profissional a construção de muitas unidades de pesca, especialmente arrastões. Entre nós, construiu já para cima de 1.000 toneladas de embarcações de vários modelos, entre as quais as traineiras «Raulito», «Maria Rosa», «Toninho» e outras, estando agora em vias de acabamento mais uma nova unidade deste tipo, e em construção também duas enviadas para a Firma Parodi.

Assim, demos por bem empregado um passeio dominical, em que nos foi dado observar o progresso da nossa construção naval, longe dos seus períodos áureos, mas ainda viva e activa para preencher as crescentes necessidades dos nossos armadores.

Seja económico
Poupe muito dinheiro
PREFIRA A
TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS

As oficinas gráficas que se impõem pela perfeição e esmero dos seus serviços, e equipadas com as mais modernas máquinas automáticas da Indústria Gráfica.

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

numa direcção perpendicular a esta.

Depois de muitos dias de navegação à aventura, no alto mar, descobriram uma ilha, a que deram o nome de Porto Santo. Ufanos do seu descobrimento, voltaram a Lagos e deram conhecimento a D. Henrique da sua aventura e pediram autorização para povoar e agricultar a ilha.

Foi Bartolomeu Perestrelo o encarregado dessa missão. No dia 1 de Julho de 1419, saindo do Porto Santo João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, atraídos por uma cerrada neblina, descobriram a ilha da Madeira, tornando a voltar ao Algarve com a boa nova.

Rejubilou o infante e o rei, e cumularam-nos de honras e não de riquezas, que tudo era obrado fora de interesses materiais.

Não faltaram os murmúrios de quem só serve a nação na mira de enriquecer o mais que puder, e estes arriscaram a vida só pelo gosto de novas terras, e também censuravam o rei e o príncipe de assim desperdiçar tanto dinheiro sem nenhum proveito, havendo tanto onde o empregar com lucros certos.

Sousa Nunes

XENÓCRATES E A CAVERNA DOS LEÕES

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

vel. Vencidas todas as resistências e sufocadas todas as discordâncias, só a voz do filósofo continuava a soar em plena ágora, criticando o que havia a criticar e louvando o que havia a louvar, discutindo e esclarecendo, superior e indiferente ao que se tinha passado.

O tirano, sabendo-o, mandou que lhe trouxessem Xenócrates e, chegando ao seu palácio, disse-lhe:

—O Xenócrates, honra seja dada ao teu saber, culto seja rendido ao teu amor da verdade e da justiça. Eu, o general vitorioso, o homem que tem a cidade a seus pés e que a elevou à glória, te saúdo! Nós juntos seremos invencíveis e dominaremos a Grécia, desde que a tua sabedoria se alie à minha força e desde que a minha força busque o conselho da tua sabedoria. Os mortais nos colocarão no altar dos seus deuses imortais. Mas, para isso, ó filósofo, é mister que cesse toda a guerra entre nós, que prestes culto à minha glória como eu prestarei ao teu saber, que louves os meus actos como eu apoiarei as tuas palavras.

Xenócrates, com a sua sempre impassível serenidade, retorquiu ao tirano:

—Bem sabes, ó Clitmenestro, que eu não sirvo outros deuses que não sejam a verdade e a justiça, que nunca rendi preito aos pobres homens mortais que a estultícia das gentes colocou no altar dos imortais princípios. Antes, sempre tenho desmascarado esse culto e, por isso, os poderosos me acusam de combater os deuses. Como poderia eu, um homem entre os outros, que apenas tem a mais que os outros o que todos poderiam ter — a coragem de proclamar o bem e renegar o mal, de exaltar o que é justo e repudiar o injusto, de separar o certo de que é erro, sem atenção à riqueza e através de todos os sacrifícios, segundo a própria consciência —, como poderia eu, ó tirano, alçar-me ao altar dos deuses ou converter-me em escravo da tua força e dos seus funestos frutos?! Se louvei as tuas armas quando servindo a causa pública, libertaste de inimigos a nossa cidade assolada, não posso deixar de condená-las quando, voltadas contra a própria plebe que serviam, proclamaram, sobre o sangue e as lágrimas dos cidadãos livres, o triunfo da tirania. Mesmo que eu o quisesse, isso seria tão impossível pelas leis da minha razão como o sol deixar de nos iluminar ou os rios de correrem para os mares, segundo as leis da natureza. Pactuar contigo seria negar-me a mim próprio, como tu te negarias se pactuasses comigo.

Clitmenestro, refreando a sua ira, respondeu ao filósofo:

—Tu mesmo, ó sábio, ditas o teu destino. Comigo ao teu lado, prestando ouvidos às minhas sentenças propostas, colherias para ti as honras e as riquezas como eu enobreceria as minhas acções com o prestígio duma prudente sabedoria. Lançando-me contra ti pela tua hostilidade, todo o culto da verdade e da justi-

ca que confessaste defender perecerão da mesma forma que pereceu uma centena de outros que, antes de ti, se me opuseram. O teu corpo será retalhado na caverna dos leões, o teu sangue irá juntar-se a tanto outro que já derramei em homenagem ao meu poder e só virá aumentar a minha glória. Assim, assentarei o meu trono sobre as ruínas da ciência arrogante.

Xenócrates teve um sorriso de austera superioridade e proferiu lentamente as seguintes palavras:

—Como podes pensar isso, ó Clitmenestro? A minha sabedoria ficará a perdurar muito para além da tua força. Os leões comerão o meu corpo e verterão o meu sangue, mas não comerão o espírito que ficará de mim e dos que me precederam nem o dos que me seguirem. A verdade, para além da minha morte, permanecerá a verdade, a justiça continuará a justiça e sempre os homens se baterão por elas contra a tua tirania acorrentada à força, ao erro e à mentira...

Então o tirano, não podendo reter-se por mais tempo ante as investidas de Xenócrates, do alto do seu trono chamou a guarda do palácio e logo ali lhe ordenou que o lançasse, sem mais perda de tempo, à caverna dos leões, onde teria a morte como prémio da sua ousadia.

Longa e penosa foi a agonia do filósofo dilacerado pelas feras. No meio das torturas que lhe retalhavam as carnes e das feridas onde escorria o sangue sobre o solo da cidade natal que elevava, com a sua ciência e o seu justo procedimento, no conceito de todos, conservou a serenidade até ao último instante.

O tirano, quando o soube calado para sempre, exultou na sua ira aplacada e na sua tranquilidade refeita. Porém, o povo de toda a cidade chorou em silêncio a morte trágica de Xenócrates.

Passado pouco tempo, quando Clitmenestro ostentava o seu triunfo aos olhos dos cidadãos, uma estranha inquietude se apoderou de todos e ninguém rendia o preito anterior à sua glória. Assaltado por novos temores, mandou lançar também as feras aqueles que os seus esbirros lhe apontaram como sendo os discípulos de Xenócrates, autores do mal-estar público. Após a morte destes, ao contrário do que esperara, cresceu ainda o desassossego, não aplacado por novas e mais cruéis carnificinas e que foi ganhando as próprias forças que apoiavam a sua tirania. E quando, certa vez, Clitmenestro ordenava mais uma mortandade, viu-se a si mesmo arrastado pelos próprios guardas e pela população à caverna dos leões, onde encontrou a mesma morte de Xenócrates, mas sem a grandeza dele e ante as maldições de todos.

Armando Bacelar

Em FARO, adquira o «Noticias do Algarve», na Livraria Campinas, Rua de Santo António, 67.